

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquinã, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual) e dedicou-se ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1914, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da Paraíba e do Ceará, e deixou as seguintes obras publicadas: Ode ao Ceará (1911), O Ceará com a Bahia (1912), e A Bahia com o Ceará (1913).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda outros poemas publicados em jornais e revistas, além de algumas obras inéditas. Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao estudo da literatura quando foi eleito presidente do conselho. Durante o período de sua presidência, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente alguns dos membros da Academia. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos membros da Academia, conseguiu reunir o quadro acadêmico, ocasião em que o poeta escreveu os poemas que compõem esta Antologia da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1913

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas de Proencixo
Resurgem novos deuses,
Tremida a fim a unidade,
Magnânimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

RODOLFO TEÓFILO

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu em 6 de maio de 1853, na cidade de Salvador, Bahia, e faleceu em Fortaleza no dia 2 de julho de 1932, aos 79 anos de idade. Farmacêutico, graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, tornou-se um sanitarista de renome, graças à luta que, de maneira filantrópica, enfrentou no combate às doenças, particularmente a varíola. Pelo seu desempenho nessa área da saúde, recebeu do Congresso Nacional o título de Varão Benemérito da Pátria.

Foi romancista, contista, cronista, naturalista, historiador e poeta. Sua obra é extensa, com temas variados. Embora tenha sido alvo de censura de críticos nacionais, segundo Antônio Sales, *apud* Joaryvar Macedo, é considerado um dos nossos maiores escritores, o “fiel e poderoso intérprete da alma cearense”. Publicou: *História da seca no Ceará (1887-1880)*, 1883, 2ª ed. 1922; *A fome*, 1890; *Os brilhantes*, 1895; *Maria Rita*, 1897; *Paroara*, 1899; *Violação*, 1899; *Secas no Ceará – Segunda metade do século XIX*, 1901, 2ª ed. 1922; *O conduru*, 1910; *Memórias de um engrossador*, 1912; *Lira rústica*, 1913; *Telesias*, 1913; *A seca de 1915*, 1922; *Reino de Kiato*, 1922; *Sedição de Juazeiro*, 1922; *O caixeiro*, 1927; *Cobertura de tacos*, 1931; e vários livros de caráter científico como: *Botânica elementar* e *Ciências Naturais em contos*. Muitas de suas poesias foram publicadas na revista *A Quinzena*, do Clube Literário e em *O Pão da Padaria Espiritual*.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 no período da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira número 36. Na segunda reorganização, passou para o quadro de honra e, em 1951, foi escolhido para patrono da cadeira número 33. Pertenceu à Padaria Espiritual, onde foi o terceiro e último padeiro-mor, ao Clube Literário, ao Centro Literário, ao Instituto do Ceará e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A PAIXÃO

*De longe vem a brisa a passo, vagarosa,
Brincando ora no vale e ora na colina,
Beijando brandamente a folha pequenina
Da linda sensitiva imbele, vergonhosa.*

*Os beijos leves são, que a “pudica” mimosa
Nem sente s’ oscular, a fronte não inclina,
E mira na corrente argêntea, cristalina,
A sombra da palmeira altiva, majestosa.*

*A brisa pouco a pouco em vento transformou-se,
Veloz, enfurecido então o vendaval
Ao vale e a colina agora arremessou-se.*

*Como a brisa é a paixão: nos vem sem fazer mal,
- Tão branda, tão suave, até que apoderou-se
Do nosso coração, titânica, fatal!*

FONTE: TEÓFILO, RODOLFO. A PAIXÃO. A QUINZENA, FORTALEZA, V. 1, N. 7, P. 53, 15 DE ABR
DE 1887. [ED. FACSIMILAR].

TELESÍAS

*A terra, mãe ciosa, esconde as telesias,
Uns mimos de cristal, nas rochas enterradas
Temendo que a luz fira as faces lapidadas,
Pelo cinzel do tempo; assim as harmonias*

*De minha lira vêm, dessas prisões sombrias
Em o meu coração há muito enclausuradas
Como se o vácuo houvesse entre elas desterradas
E o mundo, que se embala em doces melodias.*

*Surgem agora e vêm as minhas gemas puras
Que o tempo lapidou das fibras de minha alma,
Cristalizando a dor, as suas desventuras.*

*A luz quando tocar as faces dos cristais
Se em vez de refração, amortecida calma,
É que essas gemas são geradas de meus ais.*

CONSOLAÇÃO

A AFONSO CELSO JÚNIOR

*Deixai virem a mim os pequeninos,
Com seu olhar de angélica piedade
Dizia Cristo, todo amor, bondade,
Àqueles que o seguiam, peregrinos.*

*Deixai-os vir a mim, pobres meninos,
Que se acerquem da fonte da Verdade,
No começo da vida, em sua idade,
Não há sorte fatal, nem maus destinos.*

*Deixai virem a mim os que padecem
Com fome de justiça, os que carecem
De conforto na dor, que os amargura.*

*Deixai virem a mim os desgraçados,
Os pobres da fortuna deserdados...
A todos meu amor, minha ternura.*

FONTE: TEÓFILO, RODOLFO. *TELESÍAS: VERSOS DA MOCIDADE*. LISBOA: A EDITORA, 1913. P.7, 29.

